

# APRESENTAÇÃO - ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS EM DIÁSPORA

O Conselho Editorial da Revista de Estudos Literários – Revell, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – lança o volume 1, número 24, referente ao primeiro quadrimestre de 2020, composto por vinte e quatro artigos voltados para a temática das Literaturas Escritas por Mulheres Negras em Diáspora, os quais possibilitam diversas interpretações para os estudos literários, e o próprio fazer literário, ao mesmo tempo que tratam sobre questões ligadas ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Nesse contexto, a literatura negra feminina rasura a pretensão de universalidade que se constrói “ao custo de sacrificar o particular”, como ressalta Gloria Anzaldúa (2000, p. 233), em detrimento dos grupos historicamente discriminados.

Assim, neste dossiê intitulado **Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora**, reunimos reflexões críticas baseadas em textos literários de mulheres negras que apresentam histórias plurais, que foram silenciadas e invisibilizadas por diversos séculos. Integram-se aqui temas ligados à literatura escrita por mulheres negras que, através de suas produções poéticas, vêm, estrategicamente, lutando e insurgindo-se frente ao epistemicídio e aos silenciamentos impostos desde o processo de “roedura” do continente africano até os dias atuais.

Kilomba (2018, p. 33), em seu livro *Memórias da Plantação*, apresenta questões pertinentes que dialogam com a presente edição. Perguntas retóricas são colocadas em pauta, tais como: “Quem pode falar? Quem não pode? E, acima de tudo, sobre o que podemos falar? Quem sabe o quê e quem não? E por quê? E qual conhecimento tem feito parte das agendas e currículos oficiais?”. Essas perguntas são de suma relevância para destacar o papel da escrita das mulheres negras que compõem este número editorial. Para exemplificar, sugerimos que se leia o prólogo de *Quarto de Despejo* construído por Audálio Dantas. Ele, como jornalista e pertencente à branquitude, sente-se autorizado a escrever sobre o texto de Carolina Maria de Jesus e enclausura essa autora em estereótipos que vêm sendo alterados por pesquisadoras negras, visto que estas propõem outras possibilidades de leituras dos textos carolinianos. Entendemos que é necessário descolonizar o saber representado como universal. Nessa mesma perspectiva de desautorização, temos no prólogo do livro *Piel de Mujer*, da escritora afro-peruana Delia Zamudio, texto bem semelhante ao da autora afro-brasileira, escrito por Ana María Robles, que enquadra o texto de Zamudio com um testemunho comovedor e sugere a leitura com o discurso de assistencialismo, e ainda o “aprisiona” como importante apenas para os profissionais das ciências sociais. A partir dessas duas contribuições, no Brasil e no Peru, problematizamos como os textos escritos pelas autoras afro-brasileira e afro-peruana, em períodos diferentes, ainda atendem a uma agenda eurocêntrica e colonialista de história única para as autoras negras em Diáspora.

As lutas das mulheres negras, conforme sinaliza Florentina Souza (2019), não se restringiram à sobrevivência cotidiana. Elas descobriram pequenos espaços de liberdade que lhes possibilitaram um viver menos doloroso; e a escrita foi um deles. Através das suas produções literárias colocaram em pauta discursos e representações que não pairavam na cena literária. A escrita dessas mulheres não se desvencilha do próprio corpo, que, por sua vez, vivencia situações nunca experimentadas por “um corpo não negro,

não mulher”, o que Conceição Evaristo (2003) denomina de *escrevivências*, situação vinculada às “aventuras e às desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar, mulher e negra”(EVARISTO, 2003, p. 06).

Os artigos ora apresentados se debruçam sobre *escrevivências* que reforçam laços de solidariedade entre sujeitas femininas do continente americano, mais precisamente de diferentes regiões do Caribe, da América Latina e de diversos países do continente africano. Sua leitura nos oferece um breve panorama da escrita literária de autoria negra e feminina publicada nesses territórios e põe em diálogo contos, narrativas e poéticas de escritoras cujas vozes ressoam no *continuum* que se estabelece entre África e o espaço que Lélia González (1988) define como o da *Amefricanidade*.

Portanto, ressoam neste volume inúmeras vozes de escritoras “amefricanas”, como as afro-brasileiras Ana Maria Gonçalves, Carol Dall Farra, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Eliane Alves Cruz, Fabiana Lima (Negafya), Joremir de Assis de Ferreira, Lílian Almeida, Jovina Souza, Lívia Natália, Fátima Trinchão, Lubi Prates, Neide Almeida, Kiusam de Oliveira, Ludmila Singa, Maiara Silva, Maria do Carmo dos Santos, Rool Cerqueira, Tamires Allmeida, Sofia Senne e Vanessa Coelho; as afro-cubanas Daisy Rubiera Castillo e Nancy Morejón; a afro-peruana Delia Zamudio; a afro-colombiana Amalia Lú Posso Figueroa; a afro-uruguaia Virginia Brindis de Salas; as afro-estadunidenses Toni Morrison e Maya Angelou; e de escritoras africanas, como Chimamanda Adichie. Essas mulheres, “assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco”, inscrevem em suas produções literárias “imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*” (EVARISTO, 2003, p.06).

Através da escrita dessas mulheres, é possível conhecer o imaginário feminino negro que Aymée Rivera Pérez (2011) aponta na produção literária

afro-caribenha contemporânea, e cujas representações, proposições e/ou perspectivas, segundo entendemos, estendem-se às literaturas negras produzidas nos diferentes territórios que constituem a Diáspora e em África, nos quais assumem suas devidas especificidades.

Assim, os artigos apresentados na edição dessa revista discorrem sobre eixos temáticos que derivam dessa perspectiva, ou são atravessados por esta. Refletem sobre temas como memórias ancestrais; resistências; representação e humanização do homem negro em oposição à representação única do ocidente; autorrepresentação; gênero; erotismo; sexualidades; lesbianidade; maternidade; maternagem; performances de mulheres negras do *slam*; práticas pedagógicas a partir do sagrado e dos mitos dos orixás; e ainda educação antirracista, considerando realidades vivenciadas tanto no continente africano, como na Diáspora. São textos que oportunizam os silenciados falarem e serem ouvidos, embora seja a partir de “máscaras”, ou de práticas ressignificadas no ato de denúncia ao sistema.

Vale destacar que atentamos aqui para as diversas manifestações artísticas e gêneros literários, bem como para reflexões que colocam em “xeque” o convite a “descolonizar as mentes” e que nos ajudam a compreender nosso papel como críticas/es literárias/es, pesquisadoras/es e professoras/es. Assim, os caminhos que elegemos para dar sequência às leituras desta revista são todos atravessados pelo que Conceição Evaristo chama de *Escrivivências*. Sendo assim, organizamos os eixos da seguinte maneira: Identidades e Memórias; Maternagem e Violência; Erotismo e Lesbianidade; Artes, Educação Antirracista, Práticas Pedagógicas e Literatura Infanto-Juvenil.

Os primeiros artigos tratam sobre **Identidades e Memórias**. Apresentam o protagonismo dos personagens de textos literários que entrelaçam narrativas do presente e do passado a partir da resiliência, resistência e ancestralidade. Investem em histórias plurais de sujeitas/os/es

negras/os/es escravizadas/os/es e mostram os modos como as mulheres negras em Diáspora vêm se constituindo enquanto potências em seu cotidiano, apontando de que modo os silenciamentos proferidos pelo ocidente eurocêntrico têm sido ressignificados, tanto no Brasil como em Cuba, e atrelados à ficção e à história nas narrativas das autoras citadas.

Na sequência, leitoras e leitores encontrarão textos que discorrem sobre **Maternagem e Violência**. Neste eixo, há intersecções de violências de raça, gênero e classe; a mulher negra como sujeita de seu processo de autoconhecimento; o papel da religião cristã e de sua imposição e hipocrisia na Nigéria, Brasil e Peru. O patriarcalismo imposto pelo ocidente global tem sido danoso nas narrativas de mulheres negras em Diáspora. Entretanto, apesar de todos os problemas, elas vêm desenvolvendo os seus saberes ancestrais de resistências e maternagem no cuidado de suas histórias no passado, como também nos dias atuais.

Na continuidade, a temática do **Erotismo e Lesbianidade** se faz presente. As autoras trazem à baila produções literárias que apresentam a mulher negra como sujeita ativa, protagonistas responsáveis por suas sexualidades, escolhas de afetos e desejos; e rejeitam toda a narrativa única eurocêntrica que as legitimam a partir do olhar do outro. As personagens das narrativas são autorizadas a fazer suas próprias descobertas de sexo e prazer, problematizam e rompem com o lugar de corpo objetificado que foi criado pelas teias dos estereótipos colonialistas.

Logo depois, a sequência destinada às **Artes, Literatura Infanto-Juvenil, Educação Antirracista e Práticas Pedagógicas** finaliza as discussões dessa chamada da revista. Destacam-se o *slam* e as performances das mulheres negras, ressignificando o papel da oralidade, que, para além de denúncias do sistema opressor e colonialista, oportuniza a volta ao passado e das *griots* com um olhar pós-moderno, pois, além do resgate ancestral, essas mulheres

desembocam o fazer ancestral na perspectiva da matrilinearidade africana. Quanto à educação antirracista, as mulheres negras desenvolvem poesia/*slam*, utilizam a terminologia da solidão da mulher negra como um espaço de insurgências e resistências. Temos também práticas pedagógicas permeadas pelas mitologias africanas, pelo retorno ao sagrado e aos mitos dos orixás, as quais nos convidam a repensar sobre ensino, aprendizagem, metodologias, currículos e ementários das universidades, e inclusive sobre nossas práticas pedagógicas na Educação Básica.

Agradecemos às/aos autoras/es, pela escolha da revista, pareceristas, além das/dos editoras/es, conselho editorial, conselho consultivo, diretoria, comitê científico pela colaboração e por terem possibilitado sua publicação. Convidamos leitoras e leitores a navegar por essas narrativas a partir das experiências e investigações aqui compartilhadas. Desejamos a todas/os/es uma leitura prazerosa.

*Alessandra Corrêa de Souza*  
*Cristiane Santos de Souza Paixão*  
*Josenildes da Conceição Freitas*